

**J.M Coetzee e o chamamento à velhice na contemporaneidade
fragmentada**

Gunter Axt

USP

Brasil

Resumo: O autor discute nesse ensaio a velhice na modernidade fragmentada, representada em *Diário de um Ano Ruim*, a qual se projeta como uma metáfora para a morte do século XX, pois as ideias provocativas do Señor C parecem brotar dos reflexos das grandes sínteses. Embora o tom da narrativa transite entre o melancólico e o irônico, o desfecho é otimista, pois o jogo de espelhos entre os narradores e os personagens enfrenta a questão do impasse entre o universal e o relativismo moral e ético.

Palavras-Chave: Coetzee,; Diário de um Ano Ruim; velhice.

Abstract: The author discusses in this essay the elderliness in the fragmented modernity, represented in *Diary of a bad year*, which projects itself as a metaphor to the death of the 20th century, once Señor C's provocative ideas seem to offspring of the reflex of great syntheses. Though the narrative tone alters from the melancholic to the ironic one, the ending is optimistic, since the specular games between the narrators and the characters face the question of the impasse between the universal and the moral and ethical relativism.

Key-words: Coetzee; Diary of a bad year; elderliness.

Em *Diário de um Ano Ruim*¹, um velho e célebre escritor, no umbral da aflição do mal de Parkinson, sente-se atraído por uma jovem vizinha, de origem filipina, que vive

¹ COETZEE, J.M. *Diário de um ano ruim*. São Paulo : Cia. das Letras, 2008.

em concubinato com um australiano, de 42 anos de idade, profissional do mercado financeiro. O enredo realça assim, três dos sujeitos sociais mais em evidência na contemporaneidade: o velho, cuja crescente proporção na democracia hodierna lhe garante (novamente) visibilidade política, confunde-se também à figura do intelectual revolucionário e desacoroçoado diante da hegemonia do cassino global e da vulgaridade da massa inerte; a filipina, ao mesmo tempo a jovem multidão emergente e o não-branco, sobretudo, o mestiço que (como anteviram Gilberto Freyre² e, antes dele, ainda, José Vasconcellos³) é cada vez mais a face do mundo; o *self-made man* que, como desenharam os psicanalistas sociais Charles Melman e Jean-Pierre Lebrun⁴, introjetou *in extremis* a lógica de mercado, tornando-se uma espécie de *sujeito sem gravidade*, carente de referenciais ético-humanistas, convencido do fim, hegeliano, da História – como traduziu Francis Fukoyama⁵ –, e vivenciando cotidianamente o esvaziamento da política pela economia.

As grandes e complexas questões éticas, com desdobramentos jurídicos, são o combustível de Coetzee desde suas primeiras obras. Sua ambiência primordial são os dramas do pós-colonialismo numa África à deriva: pungente diálogo com a alteridade.

Em *A espera dos Bárbaros*⁶, Coetzee explorara os limites do Humano. No drama de um juiz jurisdicionando uma comarca na fronteira de um estado imperial com um deserto habitado por nômades, descreve o mundo kafkiano instaurado na prática, num diálogo subliminar com outro Nobel de Literatura africano que o antecedeu: Albert Camus. A cidade aqui tem a mesma neutralidade cinzenta que em Camus. O juiz está para o romance de Coetzee como o médico para *A Peste*⁷. E se em Camus a peste é a metáfora para o avanço do fascismo na França dos anos 1930, forçando a cidade estagnada e niilista a mergulhar no tempo histórico, ainda que brutal, em Coetzee, face ao sentimento de impotência diante da ação policial, o juiz quer evadir-se ao tempo

² FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro : José Olympio, 1987.

³ VASCONCELOS, José. *La raza cósmica/the cosmic race*. London/Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

⁴ LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite. Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro : Cia. de Freud, 2004. MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade. Gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 2003.

⁵ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

⁶ COETZEE, J. M. *À espera dos bárbaros*. São Paulo : Ed. Cia das Letras, 2006. REALE JÚNIOR, Miguel. Considerações sobre “À espera dos bárbaros”. A revolta silenciosa. In: *Conversando com Coetzee. Cadernos de debates*. N° 2. Instituto de Estudos Culturalistas, Canela, 19 de junho de 2010.

⁷ CAMUS, Albert. *A Peste*. Rio de Janeiro/São Paulo : Editora Record, 2009.

histórico, identificado ao estado autoritário e em oposição visceral à natureza e ao cotidiano comunitário. A alteridade silente que em Camus se manifesta em *O Estrangeiro*⁸ – em especial no absurdo da condenação de um assassinato gratuito por um julgamento mais interessado em discutir o comportamento hedonista do réu no velório da mãe do que em personalizar a vítima, um jovem árabe que sequer é nominado –, nesse romance de Coetzee ganha voz e identidade. Mas em ambos o diálogo das instituições e da cultura com o Outro é precário, não se realiza. Donde o conflito resta insolúvel.

O mergulho no diálogo com o Outro, em *Diário de um Ano Ruim*, é a válvula de escape à distopia, que possibilita a Coetzee bascular do pessimismo evasivista de *A espera dos Bárbaros* para o otimismo confiante. Coetzee desenvolve aqui uma narrativa decomposta, fraturada em três narradores simultâneos – o velho intelectual, Señor C, na sua face pessoal; o ensaio escrito por ele, encomendado por um editor alemão, intitulado *Opiniões Fortes*; e a filipina Anya. Recorre assim à estética pós-moderna para produzir o jogo de espelhos das múltiplas refrações de um mesmo objeto, recurso que lhe possibilita decupar a construção do discurso e criticar a própria pós-modernidade. O ponto de partida da estória é a reedição do dilema de Fausto, de Goethe – obra fundante do espírito moderno, como assinalou Marshall Berman⁹, em *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*: O velho intelectual defronta-se com a perda do viço da juventude quando a paixão por uma jovem o estimula para as olvidadas vibrações mundanas. Mas o que em Goethe foi a porta para o pacto com Mefisto, na esteira do qual se afirmaram a técnica acelerada, o empreendedorismo e a industrialização arrogante, em Coetzee é a possibilidade de instauração do diálogo. Como se o modernismo fosse requisitado a se manifestar reconhecendo as diferenças.

A narrativa parte oscilando entre duas representações clássicas da velhice. Num extremo a invocação intrínseca de Homero, o intelectual sábio, o poeta, descolado do mundo exterior e recoberto de honra, admiração e reconhecimento. No outro, a perspectiva aristotélica, que não admite uma senectude feliz com a decrepitude do corpo, esgar a suscitar piedade e horror.

⁸ CAMUS, Albert. *L'Étranger*. Paris : Gallimard, 1972.

⁹ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo . Ed. Cia das Letras, 1986.

O ideal homérico foi amplificado em Platão, como nos mostra Simone de Beauvoir em *A Velhice*¹⁰. Em seu repúdio aos costumes políticos da democracia grega, almejou um reinado das competências, alcançadas apenas com o avanço da idade. Advogou, portanto, uma gerontocracia. O personagem de Sócrates fixa a ideia de que a instrução se alcança pelo contato com os velhos. A velhice, aqui, traz paz, libertação e sabedoria. Assim, os mais idosos devem mandar e os mais jovens obedecer.

Aristóteles, ao contrário, jamais admitiu que a experiência fosse garantia de progresso. Em *A política*, criticou vivamente a Gerúsia de Esparta.

Sociedades estáticas, de fato, tenderam a confiar o poder aos indivíduos ricos e envelhecidos. Em Esparta, a velhice era honrada. Mas nada comparável ao status privilegiadíssimo que alcançou na China antiga – Confúcio, que modelou a imagem da sociedade a partir do microcosmo familiar, fixou a obediência ao idoso, encarnação moral da sabedoria. Também no taoísmo a velhice apareceu como uma virtude em si mesma. Nesta sociedade estática, infensa à novidade e aferrada às tradições, a velhice era, como sublinha Beauvoir, a vida em sua forma suprema.

É contra essa fórmula que Aristóteles se insurge: indivíduos enfraquecidos e corruptíveis, seus velhos deveriam ser afastados do poder, de modo a arejar o fluxo da cultura e da política. Seu ideal? Uma combinação de democracia, oligarquia e virtudes militares, apanágio, estas, dos jovens.

Em Roma, a República foi conservadora. É certo que deveria ser imenso o contraste entre os velhos da elite e os pobres – estes, talvez, até, sacrificados por familiares que deles queriam se livrar. Mas a oligarquia governante favoreceu a velhice enriquecida. Às altas magistraturas apenas se chegava em idade avançada e o voto dos anciãos tinha mais peso do que o dos outros cidadãos. A expansão militar, de cunho imperial, demorou a violentar a rotina modorrenta do tradicionalismo, pois foi subsumida à lógica econômica que incrementou o enriquecimento da oligarquia. Mas os privilégios dos velhos desmoronam com a decadência do sistema oligárquico, já a partir dos Gracos.

É no contexto de erosão do poder do Senado que se deve ler a saudação à velhice no *Senectude* de Cícero. O encanecido Senador desejava restaurar a autoridade do Senado e disparava, pela voz de Catão, o Velho: “*os estados sempre foram arruinados pelos*

¹⁰ BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990, pp. 109-197.

juvens e salvos e restaurados pelos velhos”. Na extremidade oposta dessa gerontocracia idealizada, Cícero divisava tiranos lúbricos e ridículos a seduzir pela demagogia uma massa amorfa¹¹.

Entre esses clichês que atravessam a história ocidental, como mostra Simone de Beauvoir, a cupidez do Señor C para com a jovem Anya no romance de Coetzee desperta no leitor, em um primeiro momento, desconforto e piedade. Quase como fizera o teatro cômico, de Roma à Renascença, como em Plauto e em Terêncio: lúbrico e avaro, o velho foi ali ridicularizado, para deleite de prováveis espectadores jovens, capturados pelo conflito de gerações, que identificavam, nos ricos anciãos, rivais na disputa pela fêmea. Representação pior coube só mesmo à anciã: objeto de repugnância e zombaria, foi, das megeras Gréias gregas às bruxas medievais, seguidamente associada a um ser maléfico.

A superação do círculo de clichês na narrativa de Coetzee, autor cuja obra está repleta de intertextos, passa pela invocação subliminar a Montaigne: no século XVI, recusou-se a aderir ao otimismo moralizador de Platão e Cícero, ao mesmo tempo em que repeliu a zombaria da velhice. Montaigne não se rende à aceitação fácil da mutilação como progresso e tampouco considera fortuna o mero acúmulo de anos. Ele nem mesmo abraça a visão reconfortante do estoicismo antigo, que percebia na senectude uma preparação física e psicológica para a morte. Porém, como mostra Beauvoir, paradoxalmente os *Essais* convertem-se em um livro mais profundo e original na medida em que o autor avança na idade. Ali, a grandeza emerge da severidade auto-imposta¹².

Foi pela ética que o Señor C acabou conquistando Anya. Não foi, afinal, pelo seu dinheiro, pela sua fama, pela sua virilidade. Mas pela grandeza moral. É quando Alan, jovem e bem sucedido, finalmente explode em ciúmes, e o conflito de gerações emerge com virulência, tornando o descompasso ético ainda mais saliente. O conflito de gerações, então, revela a verdadeira natureza dos personagens. Anya não se entrega ao velho amortalhado, mas por ele passa a nutrir sincera amizade e afeto. E, diante do vazio ético de Alan, ela o deixa. Sua vida muda.

As *Opiniões Fortes* do Señor C são confrontadas ao longo do livro com a crítica de Anya e de Alan, cuja voz surge pela narração dela. Por meio desse recurso, Coetzee

¹¹ BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990, pp. 109-197.

¹² BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990, pp. 197.

debate os grandes tabus da contemporaneidade: o estado, a democracia, o terrorismo, a economia de mercado, o capitalismo financeiro, a imigração ilegal, a pedofilia, o estatuto da arte, a paixão e a sexualidade dos idosos... O vezo é provocativamente anarquista. Tendo por pano de fundo a questão da manutenção da perspectiva crítica na sociedade de massas pós-moderna, o diálogo suaviza o radicalismo e o distanciamento arrogante do Señor C, ao mesmo tempo em que opera uma inexorável transformação em Anya e isola Alan.

A velhice em *Diário de um Ano Ruim* projeta-se assim como uma metáfora para a morte do século XX, pois as ideias anarquistas e provocativas do Señor C parecem brotar do rescaldo das grandes sínteses. Embora o tom da narrativa transite entre o melancólico e o irônico, o desfecho é francamente otimista, pois o jogo de espelhos entre os narradores e os personagens enfrenta a questão do impasse entre o universal e o relativismo moral. E, pelo diálogo, afasta o desespero diante do diagnóstico de um mundo sem vínculos. Se se tornou difícil atender às demandas contraditórias dos desejos e vontades de cada indivíduo, a incerteza que o cerca seria a condição para adaptar o terreno ético às singularidades. A própria Justiça se torna cruel quando se impõe como abstração irrevogável. Ética, portanto, construída conforme as circunstâncias, mas que não prescinde jamais dos referenciais clássicos e Humanistas, que permeiam toda a obra.

Publicado originalmente em 2007, o livro parece antecipar a crise financeira de 2008, ao isolar o personagem que representa a voraz lógica de mercado, mostrando o quão insustentável era sua posição. E acena para uma confiança no futuro, ao promover, por meio do diálogo com a alteridade, uma reconciliação entre o Humanismo e a singularidade, separados pela pós-modernidade. Poucas vezes, em um romance, o personagem de um velho foi capaz de produzir tamanho salto qualitativo, tamanha ebulição simbólica.

No Ocidente, historicamente, a tendência foi atribuir-se à velhice uma má reputação. Os velhos abonados gozaram condições melhores de existência do que os pobres, como, de resto, ainda hoje, muito embora, no passado, o contraste tenha sido aberrante. Em três situações sociais tendeu-se, contudo, a valorizar idade avançada: quando a pessoa possuía riqueza material e/ou poder político; quando enfeixava

autoridade intelectual; ou quando considerada sábia, isto é, portadora de algum saber mágico ou tradicional.

No século XX, com o advento do modernismo, a sideração pelo novo e o descrédito crescente da noção de experiência no contexto tecnocrático, que pressupõe esmorecer o saber e a capacidade empreendedora com a idade avançada, o prestígio da velhice encolheu muito. O estudo do sociólogo Christopher Lasch¹³ sobre o narcisismo como categoria sócio-política brande, muito a propósito, um lamento diante da desvalorização da sabedoria dos mais velhos no final do século XX. Paradoxalmente, contudo, a proporção dos velhos nas sociedades modernas não parou de aumentar.

O mundo atual, da vitória parcial da contracultura e do triunfo consumista, celebra os valores, a estética e o comportamento da juventude. Nunca o cuidado com o corpo e a aparência física foi tão disseminado como agora. O envelhecimento é, assim, negado, em sua aparência e em sua essência. Os indivíduos cada vez mais investem tempo e recursos no adiamento da velhice. Assim, numa cultura jovem sem precedentes, espera-se que o velho seja ativo e participante.

Debatendo-se nesse paradoxo, o velho ensaia desenhar-se como categoria social pela primeira vez na História, num processo de emergência identitária que segue os passos da autonomização da adolescência nos anos 1960, quando esta se esmaltou em *bioclasse*, como sugere o sociólogo Edgar Morin¹⁴. Ora, no passado, homens e mulheres encanecidos jogaram eventualmente papéis de destaque, mas a velhice como tal jamais figurou como categoria social capaz de imantar protagonismo, como sublinha Beauvoir¹⁵.

Pois é com esse estranhamento que Coetzee interage por meio da trajetória de seu protagonista, o Señor C. Ao fim da vida, não é pela memória em um ambiente social e festivo que ele se afirma. Também não é pela sua fortuna. Seu poder político inexistente e suas ideias são ridicularizadas e repelidas, tanto por Alan, quanto por Anya. Sua capacidade de virar o jogo está na grandeza moral e ética, mas que só adquirem força e sentido quando liberadas de sua torre de marfim e postas em circulação por uma

¹³ LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças e declínio*. Rio de Janeiro : Editora Imago, 1983.

¹⁴ MORIN, Edgar. 1968-2008. O mundo que eu vi e vivi. In. AXT, Gunter & Schüler, Fernando (orgs.) *Fronteiras do Pensamento: ensaios sobre cultura e estética*. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 2010. Pp. 25-44.

¹⁵ BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990. Pp. 110.

interlocução que também afetará suas próprias ideias e princípios. Não se trata de uma releitura da idealização das virtudes da velhice, mas de uma espécie de chamamento. Se, como para Shakespeare, Schopenhauer e Beckett a velhice é um momento de verdade que amplia a compreensão da natureza humana¹⁶, Coetzee assinala que a face mais próxima da paz se alcança, muito mais do que pela fortuna ou pelo prestígio intelectual, pela abertura ao diálogo e pela capacidade de conciliar a ética humanista com as singularidades vividas por cada indivíduo.

Diferentemente de Platão, que por intermédio de Sócrates incita os jovens a escutar e obedecer aos mais velhos, Coetzee recomenda aos velhos a comunicação com os mais jovens. Aqui, de certa forma, invocando Vitor Hugo, pioneiro em celebrar as afinidades entre a infância e a velhice: no contato entre quem está ainda aquém da condição humana e quem já se elevou a ela se dá a transmissão de valores, de afetos e de memórias fundantes da sociabilidade. Mas Coetzee enfatiza tal aspecto sem esmaltar a velhice, tal qual o faz Vitor Hugo, como o aperfeiçoamento do destino do escritor, do poeta, do intelectual, do patriarca.

Coetzee convida os velhos a se comunicarem, pois há algo do mundo em que viveram que merece ser preservado pelas novas gerações. E porque se esse diálogo não é redentor, ele o é vivificador, sobretudo para o próprio idoso. Para os gregos antigos, merecia ser vivida a vida que podia ser lembrada. Coetzee parece apostar que, para além da pós-modernidade, pode ser lembrada e simbolicamente imortalizada a vida que souber e puder comunicar, e ser comunicada, transmutada.

Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990.
- BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo . Ed. Cia das Letras, 1986.
- CAMUS, Albert. *A Peste*. Rio de Janeiro/São Paulo : Editora Record, 2009.
- CAMUS, Albert. *L'Étranger* . Paris : Gallimard, 1972.
- COETZEE, J.M. *Diário de um ano ruim*. São Paulo : Cia. das Letras, 2008.
- COETZEE, J. M. *À espera dos bárbaros*. São Paulo : Ed. Cia das Letras, 2006.

¹⁶ BEAUVOIR, Simone. *A Velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990.

- FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Rio de Janeiro : José Olympio, 1987.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos: decadência do patriciado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1966.
- FREYRE, G. *Ordem e Progresso*. Global Editora, 2006.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças e declínio*. Rio de Janeiro : Editora Imago, 1983.
- LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite. Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro : Cia. de Freud, 2004.
- MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade. Gozar a qualquer preço. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun*. Rio de Janeiro : Companhia de Freud, 2003.
- MORIN, Edgar. 1968-2008. O mundo que eu vi e vivi. In. AXT, Gunter & Schüler, Fernando (orgs.) *Fronteiras do Pensamento: ensaios sobre cultura e estética*. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 2010.
- REALE JÚNIOR, Miguel. Considerações sobre “À espera dos bárbaros”. A revolta silenciosa. In: *Conversando com Coetzee. Cadernos de debates*. N° 2. Instituto de Estudos Culturalistas, Canela, 19 de junho de 2010.
- VASCONCELOS, José. *La raza cósmica/the cosmic race*. London/Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.